

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora do Instituto de Artes e Design da UFJF. É coorganizadora de *Moda em ziguezague: interfaces e expansões* e autora dos livros *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* e *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*.

E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br

O incapturável tempo em galáxias de crochê

Para o filósofo Gilles Deleuze, é por necessidade que criamos, nunca pelo capricho de um ego ávido em contar suas historinhas, no mais das vezes irrelevantes e sem sabor.

O que me interessa aqui é sublinhar essa ideia de criação artística menos afeita ao regozijo de um eu que deseja manifestar-se, comunicar-se, e muito mais uma outra, em que um sujeito pensa sobre si mesmo e sobre a existência como "uma sinuca de bico vital", como diz, de maneira exemplar, o poeta Waly Salomão. A criação seria então um modo de escapar dessa sinuca de bico.

Tensionado, o artista busca decifrar os signos que lhe perturbam e vai inventando, forçando jeitos não propriamente de evadir-se de suas angústias, tampouco de comprazer-se com elas, mas de buscar alhures algum sinal de saída. Sente que é preciso inventar outros roteiros que lhe devolvam o ar que ameaça faltar-lhe.

O ato de criação é, para Deleuze, menos ato voluntário do que involuntário. Algum acaso, um encontro, força o artista a tornar de alguma forma tangível essa sensação, e o resultado disso é que, ao dar passagem a outros signos, os faz proliferar, arremessa-os, e, quem sabe, talvez, alguém recepcione essas novas formas de vida. Falo dos virtuais coautores de sua obra, que, por sua vez, amplificam essa rede de sentidos num fim sempre adiado.

Um acaso será o responsável por fisgar o desejo de alguém ir ao encontro dessas formas que ele dissemina, convidando-o a nelas engatar de algum jeito. Misteriosa conexão, essa que acontece, cujo nome próprio é um enigma.

Sob o signo de um misterioso chamamento, fui me aproximando da Máquina do Tempo da artista e performer Priscilla de Paula.¹ Minha reação mais imediata foi de entrega tátil. O primeiro impulso era tocar aqueles volumes, percorrer com os dedos os arranjos caprichosamente variados em linhas e cores. Eu me vi diante de exuberantes e graciosas esculturas em crochê, extraviadas de seus habituais lugares domésticos, habitados pelo anonimato das muitas mãos femininas, cujas histórias são pulverizadas. Lembrei logo de minha



casa e dos mirabolantes arranjos em crochê de minha mãe, que ocupavam mudos o centro de uma mesa, e que, no entanto, eram tão eloquentes. Mas, certamente, ao mencionar minha mãe, estou falando também de gerações de mulheres que deixaram suas trajetórias gravadas em bordados, crochês, tricôs, costuras, todas elas confabulando seus modos de esculpir em fios o tempo de suas vidas e seus modos de gerir os desejos secretos exalando de seus corpos, desejos esses tomados como suspeitos, condenáveis, interditos, na maioria das vezes. E o que vemos proliferar dessas mãos são galáxias de formas, cores, riscos, traçados, nunca iguais, mas em ressonância sempre, e que, a meu ver, acabam por constituir uma espécie de épico de pequenos gestos leves, delicados, amorosos, um modo de subjetivação feminina, ainda que me incline não exatamente a identificá-los como predicados exclusivamente femininos, antes atos de resistência em tempos pouco sutis, e em que parecem reverberar tão pouco.



Foto: Marina Costa

A artista se apropria dessa prática doméstica do crochê, que tradicionalmente traduz um universo privado de mulheres, portador de um testemunho, o de sua reclusão social, e expande essa prática de modo inesperado no espaço, onde ganha visibilidade, volume, vigor. O que nos é dado a ver, então, é a volúpia do incansável gesto de suas mãos. Chego quase a pensar numa desforra desse exercício solitário do crochê, que desborda dos limites da casa, alastra-se pelo exterior, exibindo com audácia a potência desse trabalho manual, quase sempre tomado por insignificante. Parece significativo o fato de ser exatamente pelas mãos de uma mulher artista que essa "arte menor" adentra o espaço expositivo. Não podemos nos esquecer de que, no Brasil do século XIX, uma mulher não se aproximava das Artes, e aquelas que se atreviam tinham que cavar a duras penas esse espaço.



Priscilla diz que "o crochê é tempo, paciência, espera e coragem". Sua Máquina do Tempo adere a essa experiência íntima que o crochê instaura, cuja força maior reside justamente em sua frágil tenacidade. Feito de linhas, afinal, cujos pontos podem se desmanchar, semelhante a vidas que, pacientemente, são esculpidas, e, de repente, nos deparamos com fios que se soltam, afrouxam-se, rompem-se, apodrecem. Cumprem, assim, seu ciclo vital de fazimentos, desfazimentos e refazimentos.

Importante, me parece, assinalar a potência performativa instaurada por esses crochês, sobretudo por se configurarem como ações que podem desencadear no outro o desejo de desdobrá-las em outras tantas. Nesse sentido, Priscilla expande a própria condição de artista e convida qualquer um a fazer proliferar territórios de existência como esses. Permitam-me fazer aqui uma analogia com os estudos de Cildo Meirelles² de 1969, proposições que buscavam liberar a obra de arte dos artistas patenteados, sugerindo antes um "estado de arte" que não se restringe ao mundo artístico.

Acredito que certas práticas artísticas na atualidade nos interessam na medida mesmo em que acabam funcionando como possíveis laboratórios de intervenções éticas e estéticas. Refiro-me a ações propositivas que, de alguma forma, ativam outros modos de viver, pensar, amar, menos pasmos e conformados, que nos forcem na direção de uma existência mais livre, mais potente, mais indisciplinada. Nesse sentido, Nicolas Bourriaud,³ curador e ensaísta francês, nos oferece um interessante diagnóstico sobre a arte contemporânea. Para ele, não se trata mais de pensar em espaços utópicos, e sim concretos. Nesses espaços, estariam implicadas experiências relacionais, experimentações que de fato criam modos de existência que engendram outros modos de convivência tão fundamentais para todos nós. Isso me parece bem urgente!



[24]

NOTAS

[1] Priscilla de Paula por ela mesma: "Comecei a andar meu caminho. Mas ainda sou pequena. Uso aquele mesmo vestidinho". Para saber mais sobre a artista e performer, veja: *12 cadernos*, disponível em: <www.12cadernos.com>; *Performances, intervenções e transvenções*, disponível em: <www.priscilladepaula.com>; e *Arte, imagens e cultura visual*, disponível em: <<http://sobrearteeimagens.blogspot.com>>.

[2] Veja: MELIM, Regina. *Performance nas artes visuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

[3] Veja: BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.